



Folkcomunicação e os Estudos Culturais: em busca de aproximações¹

Guilherme Moreira FERNANDES²

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

O presente trabalho busca aproximações entre a Teoria da Folkcomunicação cunhada por Luiz Beltrão e os Estudos Culturais, desenvolvidos na Inglaterra nos anos 60 e a repercussão do Culturalismo na América Latina nos 80. Com base nos apontamos de Stuart Hall e Richard Johnson, buscamos aproximações da visão deles sobre a cultura popular e a teoria de Beltrão, atualizada por seguidores como: Marques de Melo, Roberto Benjamin, Osvaldo Trigueiro, Cristina Schmidt, entre outros. Com o intuito de verificar as aproximações, buscamos evidências nas pesquisas apresentados nos NP/GP de Folkcomunicação da Intercom nos três últimos anos (2007, 2008 e 2009). Também ressaltamos as críticas de Nilda Jacks e Ana Carolina Escosteguy a essa associação quando sugerida por Hohlfeldt. Verificamos que realmente existem as aproximações, tanto na forma de conceber a cultura popular como nos autores evocados pelos pesquisados.

Palavras-Chave: Folkcomunicação; Estudos Culturais; Luiz Beltrão.

Eu costumo dizer sempre que o meu trabalho
tem sido todo abrindo picadas para que
outros aqueçam o caminho.
(BELTRÃO, 2004, p.116)

Introdução

Os últimos doze anos foram muito frutíferos para a teoria da Folkcomunicação. Com a criação - por parte da Cátedra Unesco de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) - da Conferência Nacional de Folkcomunicação (Folkcom). Os encontros anuais da Folkcom, desde 1998, proporcionaram o debate e a atualização da teoria desenvolvida por Luiz Beltrão. Posteriormente, importantes congressos como o da Intercom e da Alaic criaram grupos de trabalhos exclusivos sobre esse tema. Mesmo assim, muitos se perguntam o que é Folkcomunicação. Sabem da importância de Luiz Beltrão para os estudos científicos da comunicação no Brasil, mas desconhecem sua principal contribuição, na nossa opinião, que é a criação da teoria da Folkcomunicação.

É comum ouvirem pessoas dizerem que a teoria de Beltrão é datada e “intocável”. O que acontece é um profundo desconhecimento do que Beltrão escreveu e do que é pesquisado atualmente. Todavia, o desconhecimento não é por acaso. As duas obras sobre Folkcomunicação escritas por Beltrão em vida (Comunicação e Folclore, Melhoramentos, 1971 e

¹ Trabalho apresentado no GP de Folkcomunicação do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Mestrando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista da Pró-reitoria de Pós-Graduação da UFJF. Membro da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom). Jornalista formado pela UFJF. E-mail: gui_facom@hotmail.com.



Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados, Cortez, 1980) estão esgotadas há muitos anos³. Mas não são somente essas obras que são quase inacessíveis, muitos livros lançados após a criação da Folkcom não estão mais disponíveis no mercado. A principal dificuldade em estudar Folkcomunicação hoje é o acesso a obras basilares, não só de Beltrão, mas também dos seus atualizadores como José Marques de Melo, Roberto Benjamin, Severino Lucena Filho, Osvaldo Trigueiro e Cristina Schmidt.

O problema do acesso às publicações sobre o tema é tão sério que até os pesquisadores sênior têm que ler as obras por meio de fotocópias. Porém, a qualidade dos textos submetidos à Intercom, Alaic, Revista Internacional de Folkcomunicação e ao Folkcom, podem ser saídas para novos estudos. É importante ressaltar que por iniciativa do Prof. José Marques de Melo, toda a obra de Luiz Beltrão está sendo digitalizada e será disponível, gratuitamente, a todos que querem lê-la. A Rede Folkcom também, por iniciativa da sua presidenta Betânia Maciel, irá disponibilizar textos sobre o tema. Também, os anais da Folkcom estão no Encipecom, iniciativa da Cátedra, organizados pela diretora Maria Cristina Gobbi.

Mesmo com os recursos que relatamos, a dúvida ainda persiste. Algumas indagações vão além. É comum ouvir perguntas sobre como se fazem pesquisas em folkcomunicação e o que consiste um objeto folkcomunicacional. Quem, hoje, face ao processo de globalização, é a audiência folk? Sobre a Folkcomunicação é importante esclarecer que ela não é, e nunca foi, uma metodologia. Ela é uma teoria. Samantha Castelo Branco (2006) diz claramente que o que define a folkcomunicação é o objeto e o arcabouço teórico lançado por Beltrão.

Sobre o objeto, é comum analisarmos as manifestações folclóricas em seu processo comunicacional. Como Hohlfedt (2003) pontuou claramente a folkcomunicação não é o estudo do folclore nem da cultura popular, e sim do processo comunicacional. Podem-se usar preceitos da antropologia e da sociologia, como a ciência da comunicação utiliza, mas deve-se analisar e estudar as formas comunicacionais dos grupos em questão. Mas, não é só do que imaginamos ser folclore e cultura popular que a Folkcomunicação se faz presente. Beltrão (1980) deixou claro que a folkcomunicação é, também, a comunicação dos marginalizados. Assim, constitui nosso objeto de pesquisa a inserção desse grupo na mídia massiva.

Esse aspecto foi muito bem relatado por Joseph Luyten (2006). Muitas de nossas pesquisas versam a telenovela como objeto de estudo. Tendo em vista que esse formato televisivo, muito criticado e tido como alienador, agrupa diversos grupos contra-hegemônicos. Por intermédio da ficção, grupos, como os homossexuais, podem ver seus anseios através de personagens teledramatúrgicos. (FERNANDES, 2009)

³ Como advento da Estante Virtual (www.estantevirtual.com.br) uma rede que reuniu obras de todo Brasil, é possível encontrar raridades, como as obras de Beltrão.



Os objetos são muitos, estão por toda parte, mas onde ancorarmos? Creemos ser esse o principal problema teórico da Folkcomunicação. Ela pode ser enquadrada em qual escola das teorias que estudamos nos cursos de Comunicação Social? Beltrão a concebeu com bases nos preceitos do funcionalismo, baseado modelo teórico do “two-step flow of communication” de Paul Felix Lazerfeld. Assim, o sistema folkcomunicacional prevê a figura do líder de opinião que será o responsável pela mediação entre os emissores e a audiência folk. Ainda hoje, encontramos estudos como o de Fábio Corniani (2009) e Severino Lucena Filho (2007) que abordam esse estudo em suas pesquisas. Também encontramos diversas pesquisas que utilizam o conceito de líder de opinião sem mencionar os estudos de Lazerfeld e do funcionalismo.

Antônio Hohlfeldt (2003) apresentou um artigo no NP de Folkcomunicação no Intercom de 2002 (Salvador-BA) intitulado “Novas tendências nas pesquisas da Folkcomunicação: pesquisas acadêmicas se aproximam dos Estudos Culturais”. Em 2003, esse artigo foi publicado na revista PCLA (Pensamento Comunicacional Latino-Americano), mantida pela Cátedra Unesco. É nesse artigo que Hohlfeldt conceitua a folkcomunicação. Também no ano de 2003 é publicado um artigo, na revista Verso e Reverso da Unisinos, de autoria das pesquisadoras Nilda Jacks e Ana Carolina Escosteguy intitulado “Objeções à associação entre estudos culturais e folkcomunicação”, com o principal argumento que a teoria de Beltrão só pode ser vista dentro do paradigma funcionalista, tal qual Beltrão escreveu em sua tese de doutorado que deu origem a essa perspectiva teórica.

Com base nesse diagnóstico, nossa pesquisa objetiva demonstrar que, como disse Hohlfeldt, as pesquisas em Folkcomunicação se aproximam dos Estudos Culturais. Para isso faremos uma revisão teórica das teorias dialogando com os conceitos de cultura popular, utilizados por Beltrão (e seus seguidores) e o apresentado por Stuart Hall. Posteriormente vamos ver quais são os referenciais teóricos das pesquisas apresentadas no NP/GP de Folkcomunicação da Intercom nos últimos três anos (2007, 2008 e 2009).

Considerações sobre os Estudos Culturais

Os Estudos Culturais surgiram em Birmingham na Inglaterra no final dos anos de 1950 por meio das pesquisas de Richard Hoggart, Edward Thompson e Raymond Williams, mais tarde, Stuart Hall se integra ao grupo. Sua história está ligada ao *Centre for Contemporary Cultural Studies* fundado na Universidade de Birmingham em 1964. Nessa época, os autores tinham uma politização maior, se aliando à Nova Esquerda inglesa e buscando em Karl Marx grandes contribuições.



Richard Johnson (2006) descreve três principais contribuições de Marx para os Estudos Culturais: 1) os processos culturais estão intimamente vinculados com as relações sociais, especialmente com as relações e as formações de classe, com as divisões sexuais, com a estruturação racial das relações sociais e com as opressões de idade; 2) cultura envolve poder, contribuindo para produzir assimetrias nas capacidades dos indivíduos e dos grupos sociais; 3) cultura não é um campo autônomo, mas um local de diferenças e de lutas sociais.

Também gostaríamos de lembrar que os Estudos Culturais não possuem uma metodologia própria, tal qual a Folkcomunicação. Johnson aponta que as principais características dessa escola são: abertura, versatilidade teórica, espírito reflexivo e, especialmente, a importância da crítica, sendo entendida como “o conjunto dos procedimentos pelos quais outras tradições são abordadas tanto pelo que elas podem contribuir, quanto pelo que elas podem inibir” (JOHNSON, 2006, p. 10). Mas, não por pela “abertura” dos Estudos Culturais, que todas as pesquisas podem enquadrar nessa perspectiva teórica.

Johnson (2006) também propõem três modelos de pesquisas dentro dos Estudos Culturais: estudos baseados na produção; estudos baseados no texto; e estudos baseados nas culturas. Gostaríamos de chamar a atenção para o primeiro e o último modelo, pois vemos, pelas explicações do pesquisador britânico possibilidades para o universo da Folkcomunicação. A respeito dos estudos baseados na produção, Johnson explica que eles “implicam uma luta para controlar ou transformar os mais poderosos meios de produção cultural ou para desenvolver meios alternativos pelos quais estratégias contra-hegemônicas poderiam ser buscadas” (JOHNSON, 2006, p. 104).

O processo folkcomunicacional, de acordo com Beltrão (1971, 1980, 2001, 2004) e Benjamin (2000, 2004) contemplam as duas proposições de Johnson. Em relação à transformação dos meios de comunicação, entendemos, tal qual propôs Trigueiro (2008) que os ativistas midiáticos são responsáveis por transformar o sistema comunicacional. Esse ativista pode buscar elementos da indústria massiva ou se apoiar nos preceitos folclóricos para garantir o direito à comunicação de seus influenciados⁴.

Também entendemos o processo de Folkmarketing, descrito por Lucena Filho (2007) um exemplo de transformação. O autor explica que órgãos públicos e privados utilizam preceitos da cultura popular para divulgar (vender) sua imagem, através das estratégias do marketing e do processo folkcomunicacional. Luyten (2006) ao defender o diálogo entre o popular e o massivo

⁴ Trigueiro (2008) conta que José Camilo, um ativista midiático da pequena cidade de São José de Espinhares (PB), em uma de suas ações, realiza encenações para a comunidade a partir do retratado pelos veículos massivos. Como por exemplo o teatro realizado a partir da telenovela “O Clone” (2001) de Glória Perez. Nessa trama, um dos núcleos tratava a questão do consumo de drogas. A personagem Mel (Débora Falabella) era viciada em cocaína e teve problemas familiares por causa disso. Camilo percebeu que o problema da cidade, em relação às drogas, não era a cocaína, mas sim o álcool, assim, a partir dos diálogos de Glória Perez o ativista os transformou para atender a realidade local. Outros exemplos ver Trigueiro (2008).



diz que a cultura popular pode estar presente nos veículos massivos, bem como os massivos na popular, esse processo deixa explícito a ideia da transformação, tanto da cultura popular como da de massa. Outro exemplo são os folguedos populares como o Bumbá-meu-boi (Maranhão) e Boi Bumbá (Amazônia) que se transformaram em eventos massivos, do mesmo modo que o Carnaval, as Rodas de Samba e a Festa de São João.

O segundo argumento (desenvolver meio alternativos) de Johnson também está previsto nas obras de Beltrão e Benjamin. Um das características do cordel é a informação. Por meio de sua forma peculiar, acontecimentos também midiáticos são temas usados pelos cordelistas. Além disso podemos citar os jornais de bairro que dão aos cidadãos a possibilidade de se ver, de olhar para uma notícia e saber que ela lhe diz respeito e faz parte da sua cultura. Uma rádio comunitária autêntica também cumpre o papel de praça pública e pode ser vista pela ótica folkcomunicação. Até mesmo a criação de sites na internet podem ser entendidos como meios alternativos para divulgar uma determinada cultura.

Já os estudos baseados nas culturas vividas são apresentados por Johnson associados com uma política da ‘representação’, “apoiando as formas vividas dos grupos sociais subordinados e criticando as formas públicas dominantes à luz de sabedorias ocultas. Este trabalho pode, inclusive, aspirar para tornar hegemônicas culturas que são comumente privatizadas, estigmatizadas ou silenciadas” (JOHNSON, 2006, p. 105).

As palavras do pesquisador britânico vêm ao encontro dos grupos marginalizados propostos por Beltrão (1980). Beltrão explica a existência de três grandes grupos marginalizados, os rurais, os urbanos e os culturais. Cabe aqui a reflexão sobre os grupos culturalmente marginalizados. Beltrão subdividiu o grupo em: messiânicos (seguidores de um líder carismático que segue uma doutrina não hegemônica), políticos-ativistas (líderes que representam a ordem de um local, sendo só reconhecidos por uma comunidade, detêm poder local mas não regional; podem fazer uso de força para a manutenção do poder) e erótico-pornográficos (pessoas que vão contra à ordem moral e sexual vigente na sociedade. Fazem parte desse grupo as prostitutas, os homossexuais, as feministas etc).

Ao se trabalhar com os grupos culturalmente marginalizados de Beltrão fatalmente utilizaremos o conceito de hegemonia de Gramsci, também muito estudo e evocado nos Estudos Culturais. O indivíduo marginal, para Beltrão, é aquele que está à margem de duas culturas, uma hegemônica (dominante) e ou contra-hegemônica (folk). Podemos incluir a luta das minorias nesse contexto, em que muitas lutam para serem reconhecidos e terem os mesmos direitos (o que inclui o direito à comunicação) dos grupos hegemônicos, tal qual prevê Johnson. Escosteguy explica: “em determinados momentos, a cultura popular resiste e impugna a cultura hegemônica,



em outras reproduz a concepção de mundo e de vida das classes hegemônicas” (ESCOSTEGUY, 2006, p. 147).

O indivíduo marginal descrito por Beltrão (1980) muitas das vezes se apresenta dentro das normas socialmente aceitas, pois ele teme ser rechaçado por determinados grupos, porém, quando está junto ao seu grupo folk ele pode assumir sua identidade dentro desse grupo. Por exemplo, é difícil para um homossexual se declarar gay nos ambientes de trabalho e escolar, porém, quando está junto a outros homossexuais ele (pode) não tem (ter) problemas em si assumir como tal, desde, é claro, que já tenha passado pelo processo de *come out* (sair do armário).

O popular nos Estudos Culturais: aportes de Stuart Hall

O pesquisador Richard Hoggart é apontado como o introdutor das culturas populares no âmbito dos Estudos Culturais, ao se preocupar com a influência da cultura difundida em meio à classe operária pelos meios de comunicação. Sua tese é que “tendenciamos a superestimar a influência dos produtos da indústria cultural sobre as classes populares” (MATTELART e NEVEU, 2004, p. 41). Armand Mattelart e Érick Neveu (2004) ainda explicam que “Hoggart teoriza as capacidades de resistência às mensagens da mídia, a simples força de inércia representada por um estilo popular de ‘consumo negligente’ que ele simboliza pela fórmula da ‘causa sempre’.” (MATTELART e NEVEU, 2004, p. 60). Ana Carolina Escosteguy (2006) explica que o trabalho basilar de Hoggart,

através da metodologia qualitativa, na medida em que seu foco de atenção recai sobre materiais culturais, antes desprezados, da cultura popular e dos *mass media*. Esse trabalho inaugura a perspectiva que argumenta que no âmbito popular não existe apenas submissão mas, também, resistência, o que, mais tarde, será recuperado pelos estudos de audiência dos meios massivos. (ESCOSTEGUY, 2006, p. 139).

Stuart Hall (2003) traz importantes apontamentos sobre a cultura popular, que ao nosso ver é cabível ao pensamento beltraniano. Hall (2003, p. 232) diz que a cultura popular não pode ser vista em um sentido puro e nem nas tradições populares de resistência. Explica que deve se ver o terreno cultural sobre o qual as transformações são operadas. O autor afirma que “o estudo da cultura popular tem oscilado muito entre esses dois pólos da dialética da contenção/resistência” (HALL, 2003, p. 233).

Hall (2003, p. 237) aponta que a cultura popular, por muitas vezes, é vista em âmbito mercadológico, com sentido comercial, vendo o consumo como algo alienante. Também diz que o conceito, às vezes, é contraposto com o de uma “outra” cultura, a “alternativa”, que é íntegra,



sendo a autêntica “cultura popular”, “o estudo da cultura popular fica se deslocando entre esses dois pólos inaceitáveis: da ‘autonomia’ pura ou do total encapsulamento” (HALL, 2003, p. 238).

Outra conceituação muito utilizada, segundo Hall (2003, p. 239) é que a cultura popular são todas as “coisas” que o povo faz ou fez. “esta se aproxima de uma definição ‘antropológica’ do termo: a cultura, os valores, os costumes e mentalidades do povo. Aquilo que se define sei ‘modo característico de vida’”. (HALL, 2003, p. 239-240). O pesquisador expõe que esta conceituação é mais fácil de ser aceita, porém ele encontra duas dificuldades a seu respeito.

A primeira dificuldade apontada por Hall se refere ao fato da lista ser muito ampla e indaga “Tudo pode ser produzido pelo povo, então tudo é popular?” Desta forma o que seria popular e o que não seria? Juremir Machado da Silva (2001) também faz as mesmas perguntas de Hall na introdução do livro que contém a tese de doutorado de Beltrão lançada em 2001, pela editora da PUC-RS. Silva (2001, p. 26) vai além ao se perguntar se pode existir o popular face à indústria cultural. Desta forma ele pergunta se o funk, a música sertaneja e a (ex) dupla Sandy e Júnior são possíveis formas de estudo, já que são “populares”.

Pode o popular continuar popular depois de ter passado pelo filtro da indústria cultural? A folkcomunicação, para ser fiel ao popular, deve trabalhar com expressões resgatadas do passado ou, sabe-se lá como, ainda não contaminadas pela cultura de massa? Se inexistente pureza, então a folkcomunicação ocupa-se de um popular sob intervenção. Estará a folkcomunicação mais próxima da arqueologia ou da antropologia social que investiga a história presente? (SILVA, 2001, p. 29).

As indagações de Hall (2003) e de Silva (2001) expressam um problema teórico a ser pensado. Porém, deixamos claro que a Folkcomunicação não é um estudo de arqueologia nem de antropologia. Seu papel não é investigar um passado remoto para descobrir a origem de uma cultura. Ela se ocupa do processo comunicacional, seja para os grupos populares ou marginalizados fazer resistência à comunicação massiva ou, se apropriar dela para atingir seus objetivos de publicização, por exemplo. Também, não é papel da folkcomunicação se preocupar com uma cultura pura, afinal, também acreditamos que ela não existe, se é que já existiu um dia. A cultura (popular ou massiva) deve ser vista pelas suas imbricações híbridas e multiculturais, como propõem os Estudos Culturais. Também lembramos, que nossos objetos teóricos não se restringem ao que comumente se denomina de folclore, como já apontamos, a folkcomunicação pode se ocupar das manifestações dos grupos marginalizados na mídia massiva ou na nanica. Desta forma, o Funk, Rap, Hip-Hop, entre outras manifestações, mesmo que presentes na grande mídia, são objetos folkcomunicacionais na medida em que eles expressam uma identidade cultural que se apresenta de forma contra-hegemônica⁵.

⁵ Para outras informações ver: FERNANDES, et al (2006) e CORNIANI (2004).



A outra dificuldade teórica expressada por Hall (2003, p.240) vai um pouco na mesma direção da primeira. O pesquisador percebe que não se pode juntar, em uma única categoria, todas as “coisas” que o povo faz. “O princípio estruturador do ‘popular’ nesse sentido são as tensões e oposições entre aquilo que pertence ao domínio central da elite ou da cultura dominante, e à da ‘periferia’. É essa oposição que constantemente estrutura o domínio da cultura na categoria do ‘popular’ e do ‘não-popular’”. (HALL, 2003, p. 240).

Hall explica que os princípios estruturados do que pode ser ou não o popular se altera de tempos e tempos e conclui dizendo que não importa um inventário descritivo, já que esse pode “congelar” a cultura popular, “mas as relações de poder que constantemente pontuam e dividem o domínio da cultura em suas categorias preferenciais e residuais” (HALL, 2003, p. 241). Desta forma, o pesquisador propõe seu próprio conceito para cultura popular.

Hall (2003, p. 241) explica que sua definição considera, em qualquer época, “as formas e atividades cujas raízes se situam nas condições e materiais de classes específicas, que estiverem incorporadas nas tradições e práticas populares” e completa

Mas vai além, insistindo que o essencial em uma definição de cultura popular são as relações que colocam a ‘cultura popular’ em uma tensão contínua (de relacionamento, influência e antagonismo) com a cultura dominante. Trata-se de uma concepção de cultura que se polariza em torno dessa dialética cultural. Considera o domínio das formas e atividades culturais como um campo sempre variável. Em seguida, atenta em formações dominantes e subordinadas. (HALL, 2003, p. 241).

O pesquisador também aponta que o principal foco é a relação entre a cultura e as questões da hegemonia (p. 241), que não se preocupa com a autenticidade ou integridade orgânica da cultura (p. 241), que a tradição é um termo traiçoeiro da cultura popular (p.243) e que a cultura popular é organizada em torno das contradições das forças populares versus o bloco de poder (p.245). Percebemos, nas expressões de Hall, uma grande influência de Gramsci, assim, também gostaríamos de fazer algumas pequenas considerações a respeito desse teórico italiano que influenciou os Estudos Culturais.

De acordo com Maria Immacolata Vassallo de Lopes (1994), Gramsci prevê que o popular não se define por sua origem, mas sim por seu uso. A pesquisadora aponta que “o popular deve ser estudado como posição relacional e não como algo isolado em si mesmo” (LOPES, 1994, p. 55) e que “torna-se possível detectar na dinâmica entre cultura hegemônica e culturas subalternas formas históricas de um produto cultural que, de exclusivo consumo de determinados grupos, em outros momentos passou para outros grupos” (LOPES, 1994, p. 55).

Ao nosso ver, o pensamento beltraniano sobre o folclore, a cultura popular e a folkcomunicação vai ao encontro das questões propostas por Stuart Hall (2003). Para isso, utilizaremos a seguir trechos dos escritos de Beltrão. Primeiramente, lembramos que a



concepção de folclore para Beltrão é a concepção apresentada por Edison Carneiro, Beltrão explica que ele “foi o único homem que percebeu que o folclore não era estático, o folclore não era uma coisa parada no tempo, mas uma coisa dinâmica” (BELTRÃO, 2004, p. 114). Beltrão lembra que a luta de Edison Carneiro para “conseguir a ampla aceitação do seu conceito de folclore, não como um corpo orgânico mumificado, mas como fenômeno social vivo, dinâmico, em constantes transformações, dialeticamente sendo e não sendo idêntico fenômeno ao mesmo tempo” (BELTRÃO, 2004, p. 91).

Vê-se que o conceito de folclore não é “amarrado” e nem “listado”. Assim como Hall, Beltrão vê uma atitude transformadora, em que a cultura, que não é estática, vai se moldando, ao receber e ressignificar as ações provenientes da sociedade. Desta forma, não se preocupa com “purismos” e “alto autêntico”, já que o caráter vivo de uma cultura leva consigo as influências externas. Cristina Schmidt (2004) completa esse pensamento, ao afirmar

Não se pode pensar em construir uma leitura de objetos puros, como fizeram os tradicionalistas e os modernizadores. É preciso enxergar uma relação mais complexa entre o tradicional e o moderno/pós-moderno, e os intercâmbios com o simbólico, que leva a uma situação pós-moderna e uma ruptura com o anterior. (...) Quando se pensa nas características desse universo, muitos pensam imediatamente em uma política preservacionista ou de resgate e recuperação. Mas, devemos voltar nossa atenção mais para o que se transforma do que com o que se extingue. (SCHMIDT, 2004, p. 41).

Outra consideração de Beltrão, a respeito dos usuários do sistema folkcomunicação deve ser levada em consideração. O pesquisador diz que

Ocorre ainda que nem todos os usuários do sistema pertencem ao universo folclórico, isto é, são originalmente partícipes das camadas populares que sentem, pensam, agem e se expressam de modo peculiar, ligados a crenças, costumes e formas tradicionais e arraigadas no seu espírito e na sua vida. Como é o caso daqueles grupos culturalmente marginalizados que, comprometidos com ideologias contrárias ao regime político dominante, se marginalizam ou dele são excluídos, não obstante sua filiação à cultura erudita. O desconhecimento ou a não-consideração desses condicionantes é que, ao meu ver, prejudicou o desenvolvimento de autênticas pesquisas em Folkcomunicação, fazendo com que grande número de investigadores na área se limite a aspectos folclóricos puramente descritivos ou, quando muitos, submetidos a preconcebidas interpretações, sem qualquer esforço de ultrapassagem do óbvio ululante. (BELTRÃO, 2004, p. 93).

O que Beltrão pretendeu com essa passagem é acabar com o mito de que a Folkcomunicação só se preocupa com o folclore purista e mesmo com o folclore dinâmico. Faz parte dos objetos folkcomunicacionais as culturas de minorias e demais membros da sociedade que contestam à ordem vigente, dominante e hegemônica. Da mesma forma que Hall coloca sobre a questão da tradição e dos embates com o bloco de poder. Recorrendo, mais uma vez ao pensamento beltraniano, o autor aponta que

Às vezes me vem a ideia de que uma pessoa pode confundir a Folkcomunicação com uma comunicação classista. Mas ela não é exatamente uma comunicação classista (...) Eu vi



que alguns desses grupos [os marginalizados] têm a capacidade de integração na sociedade, apenas não concordam com essa sociedade. Os grupos a que me refiro são os culturalmente marginalizados que contestam a cultura dominante. Eles contestam, por exemplo, as crenças dominantes na sociedade e as religiões estabelecidas. O grupo erótico-pornográfico não aceita, por exemplo, a moral dominante. (BELTRÃO, 2004, p. 116).

Ao nos depararmos com os grupos culturalmente marginalizados, existem diversas formas de pesquisá-lo. Muitas dessas formas utilizam matrizes dos Estudos Culturais, por isso, acreditamos que a pesquisa em Folkcomunicação se aproxima dos Estudos Culturais. Destacamos quatro palavras-chave: identidade, hibridismo, multiculturalismo e consumo cultural. Também ressaltamos a dicotomia entre o local, regional e o global; as mediações, políticas culturais; a resistência e exclusão cultural, além, da hegemonia. Todos esses termos fazem parte das pesquisas de inúmeros estudiosos dos Estudos Culturais, como o próprio Stuart Hall e os latino-americanos^{6 7}: Néstor García-Canclini⁸, Jésus Martín-Barbero⁹, Beatriz Sarlo¹⁰, Guillermo Orozco Gómez¹¹, Jorge González¹², Renato Ortiz¹³, entre outros¹⁴.

Críticas sobre a associação dos Estudos Culturais a Folkcomunicação

Gostaríamos de retomar algumas críticas de Jacks e Escosteguy (2003) sobre a aproximação entre Estudos Culturais e Folkcomunicação. Listamos, a seguir, as principais, em nossa opinião:

- 1) Uma teoria social crítica tenta revelar a reprodução da estrutura social; entretanto, não se associa à ideia de que a sociedade é governada por leis imutáveis, ao contrário.

⁶ Há algumas diferenças na forma de ver a cultura, especialmente a cultura popular, entre esses pesquisadores. Porém, dado o número de laudas para esse paper, não podemos apresentá-las com maiores detalhes. Esse será o tema de nossas pesquisas nos próximos trabalhos.

⁷ Da mesma forma que os conceitos de cultura popular se distingue entre os diversos pesquisadores, é importante ressaltar que o conceito de multiculturalismo de García-Canclini é diferente do proposto por Hall e também pelo apresentado pelo norte-americano Douglas Kellner (em A Cultura da Mídia).

⁸ García-Canclini é referência tanto nos estudos de hibridação (com Culturas híbridas) como na questão do consumo cultural (em Consumidores e Cidadãos), em que diz que o consumo faz a pessoa se tornar um cidadão, ela é o que consome. Também trata do global x local e concebe diferenças entre a globalização econômica e a cultural (em A Globalização Imaginada).

⁹ Além da contribuição para o conceito de mediação ao diagnosticar modalidades como ‘cotidiano familiar’, ‘temporalidade social’ e ‘competência cultural’, também em “Dos Meios às mediações” Martín-Barbero faz apontamentos importantes sobre a cultura popular, como a afirmação que o popular se origina do massivo. O pesquisador também atualizou sua teoria no prefácio da quinta edição espanhola (a segunda brasileira), além de artigos como o publicado na coletânea “Sujeito: o lado oculto do receptor”, organizado por Mauro W. de Sousa. Nesse artigo, Martín-Barbero analisa, entre outros, a questão da exclusão social.

¹⁰ Sarlo (em Cenas da vida pós-moderna) evoca a discussão sobre a cultura popular ‘pura’. A pesquisadora diz que não existe uma cultura que não foi “contaminada”, mas não vê esse processo como algo negativo, e sim como natural.

¹¹ Orozco Gómez se propõe atualizar o conceito de mediação de Martín-Barbero, concebendo-as com mediação múltipla. Já as brasileiras Lopes, Borelli e Rezende (em Vivendo com a telenovela) formulam um modelo metodológico para a aplicação do conceito de mediação, com base nos preceitos teóricos de Martín-Barbero e Orozco Gómez.

¹² Em seu conceito de Frentes Culturais, influenciado pelo conceito de hegemonia de Gramsci, González vê a cultura como uma arena para o confronto das diversas “frentes culturais”, cada uma buscando o reconhecimento da sua identidade cultural.

¹³ Evocado para debates sobre a brasilidade e a construção da identidade nacional.

¹⁴ Apresentamos alguns livros, comumente utilizados no universo da folkcomunicação que abordam a questão a cultura popular, são eles: “Conformismo e resistência” de Marilena Chauí; “Cultura Popular e Cultura de Massa” de Ecléa Bosi; “Dialética da Colonização” de Alfredo Bosi; “O Folclore em questão” de Florestan Fernandes e “O que é Folclore?” (entre outros) de Carlos Rodrigues Brandão. Não deixando de citar a obra, basilar de Beltrão, “A dinâmica do Folclore” de Edison Carneiro.



- 2) Embora constituída por uma estrutura social particular, a cultura não é estudada como reflexo dessa estrutura. A importância da cultura deriva do fato de que constitui a estrutura e a história. Assim, não se escolhe entre o fator econômico ou o ideológico, mas elabora-se uma proposta dialética e flexível de análise das práticas culturais.
- 3) Beltrão explicita em sua tese¹⁵ que a teoria da folkcomunicação está claramente vinculada aos pressupostos de uma teoria social funcionalista, sobretudo, aquela encampada pelos estudos de Lazerfeld, Berelson, Katz, Merton. Essas referências implicam uma série de pressupostos sobre o lugar a partir do qual o pesquisador se situa para investigar um determinado objeto de estudo.
- 4) No capítulo “O líder de opinião”, Beltrão revela a noção de comunicação e de dinâmica social que estão embutidas no termo que cunhou como folkcomunicação. (...). Vê nos meios de comunicação uma função de estabilizador da sociedade e, quando isso acontece, apela para os agentes sociais que deverão exercer a mesma função.
- 5) Foi baseado no processo identificado como ‘fluxo da comunicação em dois estágios’ que lançou sua tese, segundo a qual o folclore tem papel-chave nos processos comunicativos de grupos não expostos aos meios de comunicação convencionais que ele chamou de ortodoxos.
- 6) A folkcomunicação é o processo que pode assumir e garantir esse papel social de gerar mudança social.
- 7) Na segunda parte da tese, Beltrão passa a enumerar o que considera pesquisa de folkcomunicação, começando pelas manifestações no período pré-cabralino, colonial e pós-colonial, no qual inclui os sistemas de comunicação indígenas e jesuíticos, dos cantadores, caixeiros-viajantes e choferes de caminhão, os folhetos, almanaques e calendários, e as festas populares como carnaval, bumba-meu-boi e mamulengo (sic), além do artesanato e outras artes populares. Logo, é na proposta de Beltrão que tais manifestações culturais constituem-se em objetos de estudo em si mesmo.
- 8) É preciso atentar para o modo pelo qual estabelecemos conexões entre propostas que ocupam um lugar teórico-metodológico radicalmente distinto.

(JACKS e ESCOSTEGUY, 2003)

As pesquisadoras partem suas críticas a partir de artigos de Hohlfeldt e de Wainberg. Em relação à citação de Wainberg, concordamos com as críticas, pois a folkcomunicação não é

¹⁵ A tese de Beltrão “Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressões de idéias”, foi defendida em 1967 na UnB, aprovada por Juan Beneyto, Hod Horton e Roberto Lyra Filho – com distinção e louvor. Essa tese lhe rendeu o título (que posteriormente foi cassado pela Ditadura Militar e retomado apenas no ano de 1984) de primeiro doutor no Brasil. Ela foi lançada duas vezes em livro, a primeira em 1971 sob o título “Comunicação e Folclore” pela Melhoramentos, tendo sua parte teórica censurada e reduzida a uma simples introdução e, finalmente, em 2001 é lançada na íntegra, com o título original da tese, pela PUC-RS, sendo o volume 12 da coleção comunicação. (Ver: Marques de Melo, 2001).

um certo sabor denunciante dos meios massivos e um certo encantamento e redescoberta do povo e sus processos ‘naturais’ de comunicação. Percebe-se, nessa abordagem, uma sutil nostalgia por uma sociedade autóctone, distante de Hollywood e congêneres. No cenário de fundo, há a busca de uma essência perdida e ofuscada por tais luzes da ribalta. Predomina aqui o gosto pelas destas populares e da conversa intimista; a redescoberta da rotina popular e da sobrevivência dos costumes de então. Um certo engajamento político por um tipo de sociedade de fala mansa, direta, sem intermédios. Esse é o tom de muitos estudos agora denominados de folkcomunicação no Brasil. (WAINBERG, 2003, p. 63, apud JACKS e ESCOSTEGUY, 2003, p. 03).

Jacks e Escosteguy (2003 p. 03) ainda dizem que essa citação se refere às contribuições de García Canclini e Martín-Barbero. A partir desse ponto, elas criticam Wainberg e explicam o pensamento de Martín-Barbero. Julgamos que não é necessário retomar a explicação dos pesquisadores sobre o pensamento barberiano e nem evocar críticas ao Wainberg. Realmente esse pesquisador (pelo menos pela citação em questão) acredita que a Folkcomunicação é uma teoria que busca uma cultura ‘pura’. Cremos, também, que já demos explicações sobre o conceito de cultura, principalmente a popular, na visão dos Estudos Culturais, através de Hall (2003) e as interfases com a folkcomunicação.

Sobre os outros pontos descritos na crítica de Jacks e Escosteguy, também gostaríamos de ressaltar que elas não estão erradas. Porém, a Folkcomunicação não se restringe só ao que está escrito na tese de Beltrão (2001). O próprio Beltrão (1980), ao lançar o livro “Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados” traça outros delineamentos da sua teoria, propondo outras opções de pesquisa. É nesse ponto que acreditamos que as reflexões sobre, principalmente, os grupos culturalmente marginalizados recaem em conceitos dos Estudos Culturais. São essas interferências que buscamos em nossa pesquisa empírica. Também ressaltamos que embora acreditamos na associação dos Estudos Culturais com a Folkcomunicação, não vemos problemas em pesquisas que se ancoram no Funcionalismo.

De acordo com José Marques de Melo (2008),

A Folkcomunicação adquire cada vez mais importância pela sua natureza de instância mediadora entre a cultura de massa e a cultura popular, protagonizando fluxos bidirecionais e sedimentando processos de hibridação simbólica. Ela representa inegavelmente uma estratégia contra-hegemônica das classes subalternas. (MARQUES DE MELO, 2008, p. 25).

Vê-se, nos dizeres do professor, uma aproximação da teoria da Folkcomunicação com os Estudos Culturais Latino-americanos. Marques de Melo (2008, p. 29) afirma que as observações empíricas de Beltrão, em certo sentido, anteciparam a teoria das mediações culturais proposta por Jesús Martín-Barbero. Marques de Melo (1998) ainda faz aproximações do pensamento beltraniano com aporte em Edgar Morin. Conforme Marques de Melo (1998), Morin identifica a cultura como um complexo de símbolos que penetram o indivíduo em sua intimidade através da



projeção e identificação, formando, assim, focos culturais de naturezas diferentes. Com isso, ao lado de uma cultura nacional ou religiosa, sobrevivem interdependentes uma cultura popular.

Assim, Beltrão, ao estudar a manifestação folclórica como veículo de intercâmbio de informações, permite deduzir que ritos e rituais folclóricos possam sobreviver concomitante com práticas culturais tradicionais. Assim, as múltiplas identidades assumidas pelo indivíduo levam a estudos específicos dos focos culturais, pois em um comum repertório cultural distinto cada ser humano percebe um símbolo de diferentes formas. A parte empírica desse trabalho, afirma essas evidências¹⁶.

As recentes pesquisas em Folkcomunicação e a aproximação com os Estudos Culturais.

Para esta parte empírica, analisaremos os papers submetidos aos Núcleos/Grupos de Pesquisas (NP/GP) da Intercom nos três últimos anos, 2007¹⁷, 2008¹⁸ e 2009¹⁹. Sabemos que a simples junção de autores culturalistas nos trabalhos não é suficiente para dizer que se trata de uma pesquisa em Estudos Culturais, bem como não é por ter como objetos o folclore ou a cultura popular e seus processos comunicacionais que se trata de Folkcomunicação. Entendemos que embora esses podem ser trabalhos relacionados a essa perspectiva teórica é necessário o uso de algum referencial lançado por Beltrão ou por seus seguidores, como: José Marques de Melo, Roberto Benjamin, Joseph Luyten, Osvaldo Trigueiro, Cristina Schmidt, Severino Lucena Filho, entre outros.

Foram analisados 74 artigos, assim distribuídos: 26 apresentados no Intercom de 2007 (Santos-SP), 27 no de 2008 (Natal-RN) e 21 no de 2009 (Curitiba-PR). É necessário ressaltar que dos 26 trabalhos do Intercom de Santos, 13 (o que corresponde a 50% dos trabalhos) não faziam referências à teoria da Folkcomunicação. O mesmo problema, aconteceu, em menor grau, no congresso de Natal, em que oito, dos 27 trabalhos (quase 30%) não fizeram menção à Folkcomunicação. Contudo, todos os trabalhos apresentados em 2009 fizeram referências ao paradigma beltraniano.

A grande maioria dos trabalhos poderia perfeitamente ser trabalhada sob a ótica da teoria beltraniana, pois abarcavam processos comunicacionais de grupos marginalizados, porém, para ser chamado de Folkcomunicação, cremos ser necessário evocar o nome da teoria. Outros

¹⁶ Esse fato também pode ser diagnosticado no recente livro organizado por Gadini e Woitowicz (2007), em que os professores dedicaram uma parte do livro (das três existentes) para retratar temas ligados à comunicação e à cultura, próprios dos estudos culturais britânicos e latino-americanos, como: multiculturalismo; identidades culturais; hibridismo cultural; exclusão e resistência cultural; mediações culturais; matrizes culturais; hegemonia cultural e práticas culturais. Na obra, são amplamente citados autores como: Stuart Hall, Martín-Barbero e García Canclini.

¹⁷ Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/lista_area_NP-FK.htm

¹⁸ Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/lista_area_NP-FK.htm

¹⁹ Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/lista_area_DT6-FC.htm



trabalhos tinham uma abordagem típica de estudos antropológicos, ou seja, em nenhum momento foi mencionado aspectos comunicacionais do objeto estudado.

As tabelas mostram os autores mais evocados por ano e os livros mais utilizados:

Tabela 1: Autores recorrentes nos trabalhos do NP/GP de Folkcomunicação da Intercom nos anos de 2007, 2008 e 2009

Autores	Citações 2009	Citações 2008	Citações 2007	Total
Luiz Beltrão	18	17	9	44
José Marques de Melo	11	8	8	27
García Canclini	7	9	5	21
Roberto Benjamin	6	7	6	19
Cristina Schmidt	7	4	2	13
Martín-Barbero	4	3	5	12
Oswaldo Trigueiro	6	4	2	12
Antônio Hohlfedt	6	0	5	11
Renato Ortiz	5	2	2	9
Stuart Hall	5	3	1	9
Joseph Luyten	3	3	2	8
Luís Câmara Cascudo	1	3	3	7
Severino Lucena Filho	3	4	0	7
Alfredo Bosi	2	1	3	6
Ecléa Bosi	3	1	2	6
Samantha Castelo Branco	2	2	2	6
Carlos R. Brandão	1	1	3	5
Fábio Corniani	3	2	0	5
Antonio Gramsci	2	1	2	5
Paul Lazerfeld	1	2	2	5
Maria Cristina Gobbi	2	2	0	4
Marilena Chauí	0	2	2	4
Peter Burke	1	1	2	4
Sebastião Breguez	1	1	2	4
Sérgio Gadini	3	1	0	4

Tabela 2: Livros mais citados nas pesquisas do NP/GP de Folkcomunicação, somando os anos de 2007, 2008 e 2009

Livros	Autor	Citações
Folkcomunicação na arena global	Schmidt (org.) ²⁰	25
Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados	Beltrão	19
Folkcomunicação: um estudo dos agentes...	Beltrão	19
Folkcomunicação: teoria e metodologia	Beltrão	18
Culturas Híbridas	García Canclini	18
Mídia e Cultura Popular	Marques de Melo	11
Folkcomunicação na sociedade contemporânea	Benjamin, R.	11
Comunicação e Folclore	Beltrão	10
Dos meios às mediações	Martín-Barbero	9
Folkcomunicação no contexto de massa	Benjamin, R.	8
Identidade cultural nas pós-modernidade	Hall	7
A Festa Junina de Campina Grande-PB	Lucena Filho	7
Noções Básicas de Folkcomunicação	Gadini e Woitowicz (org.)	6
Os meios de informação coletiva e a informação pessoal	Lazerfeld	5

²⁰ Contém artigos de pesquisadores como: R. Benjamin, Marques de Melo, C. Schmidt, J. Luyten, A. Hohlfedt, A. D’Almeida, S. Castelo Branco, Marcelo Pires, F. Corniani, R. Nava, C. Nogueira, O. Trigueiro, A. Barros, S. Gadini, S. Lucena Filho, B. Maciel e C. Gobbi.



Mundialização e Cultura	Ortiz	5
Folkcomunicação: a mídia dos excluídos	Gobbi (org.)	5
Consumidores e Cidadãos	García Canclini	5

Como já se esperava o teórico de maior citação foi o próprio Luiz Beltrão, criador da teoria, segundo pelos seus principais discípulos e ex-alunos, José Marques de Melo e Roberto Benjamin. Cristina Schmidt, Osvaldo Trigueiro e Antônio Hohlfeldt, graças a diversas contribuições também ocupam lugar de destaque. Os culturalistas García Canclini e Martín-Barbero também foram amplamente citados. A recorrência a esses autores é, sobretudo, para evocar a questão do hibridismo e das mediações. O britânico Stuart Hall também foi muito citado, principalmente nos trabalhos de identidade cultural.

Os autores (Martín-Barbero, García Canclini e Hall) foram evocados pelos pesquisadores para demonstrar:

- 1) Presença de traços da cultura de massas absorvidos pelas culturas populares e vice-versa, como processos híbridos;
- 2) A cultura popular não pode ser analisada de forma desvinculada da cultura da sociedade em que ela está inserida;
- 3) Os mecanismos e canais existentes para expressar os valores identitários de grupos minoritários ou excluídos (dando voz e vez a eles),
- 4) Disputas simbólicas travadas em todos os espaços existentes da comunicação – massiva ou não.
- 5) É praticamente impossível entender-se a importância que os meios têm na vida das pessoas, sem estudar as redes de comunicação cotidiana dessas pessoas. Deve-se investigar o que os indivíduos, nos diferentes lugares de encontro cotidiano, fazem como seus conteúdos e formas.
- 6) Múltiplas capacidades de comunicação nas sociedades contemporâneas,
- 7) Persistência das formas tradicionais de profusão da cultura popular, comprovarem a inesgotável criatividade dos indivíduos e grupos manterem e renovarem suas experiências de troca cultural.

Autores de outras escolas, como a Crítica (Adorno e W. Benjamin), também foram encontradas em alguns trabalhos. O pensamento francês, através de Morin, Bourdieu, Maffesoli, Baudrillard, Barthes e Foucault, também foi utilizado em algumas pesquisas.

A grande maioria dos trabalhos apresentados nos três últimos anos do NP/GP de Folkcomunicação da Intercom mostra a presença de autores culturalistas dialogando com o



conceito e objetos folkcomunacionais. Porém nenhum deles chega afirmar essa aproximação em níveis paradigmáticos. Todavia percebemos que a forma dos Estudos Culturais de analisar a cultura popular são levadas em consideração em boa parte dos artigos. A expressão “líder de opinião” é utilizada algumas vezes, mas os pesquisadores não a associam ao modelo de “duplo estágio”. Outra observação é que apenas dois pesquisadores mencionaram o paradigma funcionalista.

O conceito de ativista midiático de Trigueiro (2008) está sendo gradativamente incorporado nos trabalhos. Como já dissemos, Trigueiro explica o papel do ativista midiático com autores culturalistas. Observamos também um maior rigor, no decorrer das edições do congresso, da não confusão dos estudos folkcomunacionais com os estudos de cultura popular ou folclore. Muitos autores, inclusive, fizeram essa consideração citando o teórico Hohlfeldt.

Considerações Finais:

Esse foi apenas um estudo inicial, com um pequeno recorte empírico. Para podermos afirmar categoricamente essa evidência que apontamos, é necessário fazer outros estudos. Todavia, parece não ser resistente, por parte dos pesquisadores sênior da Rede Folkcom, a associação do paradigma beltraniano com o pensamento culturalista. A Folkcomunicação está em um processo de atualização em vista dos processos de globalização e de suas especificidades nos países em desenvolvimento.

Um processo que acompanha o que os Estudos Culturais, já nas décadas de 1970 e 1980, e os Estudos Latino-Americanos, nas de 1980 e 1990, apontavam para as pesquisas nos países em desenvolvimento: a necessidade da criação de modelos teórico-metodológicos compatíveis com as histórias individuais e coletivas dos agentes da cultura, levando em conta as especificidades políticas, econômicas, sociais, culturais e subjetivas que perpassam os processos comunicacionais de países em que localizações como pré-moderno, moderno e pós-moderno servem antes como conjunto de estilos de vida heterogeneamente conviventes do que como etapas de um processo civilizatório hegemônico.

Enfim, outras contribuições sobre a crescente presença dos Estudos Culturais no universo da Folkcomunicação devem ser averiguadas em outras fontes. Notamos também a importância dos “estudos folk” para os Estudos de Recepção. Creemos que outros pesquisadores podem dar mais contribuições para esse debate, seja refutando-o ou acrescentando outros aspectos que passaram despercebidos ou que, por falta de espaço, não podemos colocar em debate.

Referências:

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e Folclore**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.



- _____. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- _____. **Folkcomunicação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- _____. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.
- BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação no contexto de massa**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2000.
- _____. **Folkcomunicação na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Com. Gaúcha de Folclore, 2004.
- CASTELO BRANCO, S. Metodologia folkcomunicação: teoria e prática. In: DUARTE e BARROS (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 110-124.
- CORNIANI, Fábio. “Rap: uma manifestação folclórica urbana” In: BREGUEZ, Sebastião (org.). **Folkcomunicação**. Belo Horizonte: Intercom, 2004. p. 115-120.
- _____. **A internet na evolução do pensamento folkcomunicação**. Tese de doutorado (Doutor em Comunicação Social). POSCOM – UMESP: São Bernardo do Campo, 2009.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. “Estudos Culturais: uma introdução”. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 133-166.
- FERNANDES, Guilherme M. **A percepção da identidade homoafetiva em telenovelas: as recepções massiva e da audiência folk em perspectivas comparadas**. Monografia de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social). Faculdade de Comunicação - UFJF: Juiz de Fora, 2009.
- _____. et al. “Nas batidas do Funk: uma análise do movimento”. In: UNESCOM 2006. **Anais...** Cátedra Unesco de Comunicação para o desenvolvimento regional da Umesp, 2006. CD-ROM
- GADINI e WOITOWICZ(org.) **Noções Básicas de Folkcomunicação**. Ponta Grossa: UEPG, 2007.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2008.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- HOHLFELDT, Antônio. “Novas tendências nas pesquisas da folkcomunicação: pesquisas acadêmicas se aproximam dos Estudos Culturais”. In: **PCLA** – vol 4, nº 2, 2003. Disponível em www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista14/artigos%2014-1.html.
- JACKS, N. e ESCOSTEGUY, A. C. “Objecções à associação entre estudos culturais e folkcomunicação”. In: **Verso e Reverso** Ano XVII-Número 37. São Leopoldo: Unisinos, 2003. Disponível em: <http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=1&s=9&a=10>
- JOHNSON, Richard. “O que é, afinal, Estudos Culturais?”. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 07-131.
- LOPES, Maria Immacolata V. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Loyola, 1994.
- LUCENA FILHO, Severino Alves de. **A festa junina em Campina Grande – PB: uma estratégia de folkmarketing**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2007.
- LUYTEN, Joseph. “Folkmídia: uma nova visão de folclore e folkcomunicação”. In: SCHMIDT, Cristina (org.). **Folkcomunicação na arena global**. São Paulo: Ductor, 2006. p. 39-49.
- MARQUES DE MELO, José. **Teoria da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1998.



_____. “Introdução”. In: BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 7-21

_____. **Mídia e cultura popular**. São Paulo: Paulus, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios à mediação**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

MATTELART, A. e NEVEU, É. **Introdução aos Estudos Culturais**. São Paulo: Parábola, 2004.

SCHMIDT, Cristina. “Em barro, cenas de uma modernidade”. In: BREGUEZ, Sebastião (org.). **Folkcomunicação**. Belo Horizonte: Intercom, 2004. p. 39-42.

SILVA, Juremir M. “Ainda existe o popular?”. In: BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p.23-31

TRIGUEIRO, Osvaldo. **Folkcomunicação e Ativismo Midiático**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2008.